

Contribuições de Umberto Eco para a tessitura de uma tese em ciências humanas: lições sobre a pesquisa na atualidade

Umberto Eco contributions to the fabric of a thesis in human sciences: lessons about present research

Contribuciones de Umberto Eco a la elaboración de una tesis en ciencias humanas: lecciones sobre la investigación actual

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes¹

Karoline Louise Silva da Costa²

Marlúcia Menezes de Paiva³

Resumo

O trabalho se constitui em notas de leitura da obra *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*, de autoria de Umberto Eco. O livro estudado é uma tradução de Ana Falcão e Luís Leitão, 14ª Edição, São Paulo, pela editora Perspectiva, no ano de 2007. A questão que norteou o estudo foi: Como devemos proceder a fim de escrevermos uma tese de doutoramento? Com isso, objetiva-se analisar o livro, a fim de apresentarmos as lições explicitadas pelo autor, no que se refere à construção da tese na área de Ciências Humanas. No tocante à metodologia adotada, segue as proposições de uma pesquisa bibliográfica de cunho historiográfico e destaca-se a elaboração de notas de leitura que emergiram das discussões e interpretações ensejadas pela análise da obra. Como resultados, depreendemos que, apesar do livro ter sido publicado em 1977, apresenta orientações ainda em vigor, no âmbito da escrita de uma tese de doutorado, uma vez que o fio condutor dessa produção acadêmica se dá por meio da formulação de uma pergunta a um número finito de movimentos. Assim a lição mais evidente é a de que o pesquisador deve se encantar pela tese, de modo que a sua construção primária possa se ramificar em fontes secundárias para novas produções posteriores, a exemplo de artigos e livros.

Palavras-chave: Notas de leitura; Escrita da tese; Ciências humanas; Pesquisa acadêmica.

Abstract

The work consists of reading notes of the book *Como se faz a Thesis em Human Sciences*, by Umberto Eco. The book studied is a translation by Ana Falcão and Luís Leitão, 14th Edition, São Paulo, by publisher Perspectiva, 2007. The question that guided the study was: How should we proceed in order to write a doctoral thesis? With this, the objective is to analyze the book, in order to present the lessons explained by the author, with regard to the construction of the thesis in the area of Human Sciences. Regarding the methodology adopted, it follows

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. Natal/RN, Brasil.

E-mail: aleksandranoferandes@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6625-7963>

² Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC/RN. Natal/RN, Brasil.

E-mail: Karolinepedagoga@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7157-1121>

³ Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal/RN, Brasil.

E-mail: mmarlupaiva3@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1123-342X>

the propositions of a bibliographic research of a historiographic nature and highlights the elaboration of reading notes that emerged from the discussions and interpretations resulting from the analysis of the work. As a result, we infer that, although the book was published in 1977, it presents guidelines that are still in force in the context of writing a doctoral thesis, since the guiding thread of this academic production occurs through the formulation of a asks a finite number of moves. Thus, the most obvious lesson is that the researcher must be enchanted by the thesis, so that its primary construction can branch into secondary sources, for new later productions, such as articles and books.

Keywords: Reading notes; Thesis writing; Human Sciences; Academic research.

Resumen

El trabajo consiste en notas de lectura del libro *Como se faz a Theses em Ciências Humanas*, de Umberto Eco. El libro estudiado es una traducción de Ana Falcão y Luís Leitão, 14ª Edición, en São Paulo, por la editorial Perspectiva, en 2007. La pregunta que guió el estudio fue: ¿Cómo debemos proceder para escribir una tesis doctoral? Con esto, el objetivo es analizar el libro, con el fin de presentar las lecciones explicadas por el autor, en lo que se refiere a la construcción de la tesis en el área de Ciencias Humanas. En cuanto a la metodología adoptada, sigue las proposiciones de una investigación bibliográfica de carácter historiográfico y destaca la elaboración de notas de lectura que surgieron de las discusiones e interpretaciones ocasionadas por el análisis de la obra. Como resultado, inferimos que, si bien el libro fue publicado en 1977, presenta lineamientos que aún se encuentran vigentes, en el contexto de la redacción de una tesis doctoral, ya que el hilo conductor de esta producción académica se da a través de la formulación de un pide un número finito de movimientos. Así, la lección más obvia es que el investigador debe quedar encantado con la tesis, para que su construcción primaria pueda ramificarse en fuentes secundarias, para nuevas producciones posteriores, como artículos y libros.

Palabras clave: Notas de lectura; Redacción de tesis; Ciencias Humanas; Investigación académica.

Introdução

A escrita acadêmica é uma atividade multifacetada e são inúmeras as dificuldades que interpõem-se entre o pesquisador e o texto, tornando-a provocativa. Para tanto, a escrita pode ser um relato, uma comunicação, um ensaio, um postulado, uma reflexão, uma instrução ou um debate, entre tantas outras possibilidades. Cada um desses tipos, acaba se configurando em razão de um interlocutor diferente, onde o “para quem” da escrita é constituinte da própria escrita e o destinatário é, ao mesmo tempo, um sujeito existente e um sujeito possível (PEREIRA, 2013).

Nessa linha de raciocínio, Lispector (2008) argumenta que a escrita é um processo de tomada de consciência. Ressalta que também escrevemos para nós mesmos. No nosso cotidiano, levamos a efeito, às vezes, enormes batalhas conceituais que necessitam ser colocadas em palavras, para tomar corpo e se constituir em saberes. Escrevemos para dar passagem a ideias e movimentos que, ao serem escritas, vão nos constituindo academicamente.

Partindo dessas proposições, o presente estudo se constitui em notas de leitura da obra intitulada: *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, de autoria de Umberto Eco. O livro é uma tradução de Ana Falcão e Luís Leitão, 14^a Edição, São Paulo, pela editora Perspectiva no ano de 2007. Desse modo, a questão que norteou o trabalho foi: Como devemos proceder a fim de escrevermos uma tese de doutoramento?

Com isso, objetiva-se analisar as lições explicitadas pelo autor, no que se refere à construção da tese na área de Ciências Humanas. A obra está estruturada em 7 capítulos, a saber: I. O que é uma tese e para que serve; II. A escolha do tema; III. A procura do material; IV. O plano de trabalho e a elaboração de fichas; V. A redação; VI. A redação definitiva e; VII. Conclusões. O autor expõe regras gerais de diagramação, de referência bibliográfica e especificamente, sobre o conteúdo dessa produção textual.

Quanto à metodologia adotada, partimos de uma pesquisa bibliográfica de cunho historiográfico. Sobre a pesquisa bibliográfica, Severino (2007, p. 122) ressalta que é um “[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados [...]”. Com esse intuito, embasamo-nos nas ideias de alguns estudiosos, como: Ciavatta (2020), Cavalcante ([202-?]), Eco (2007), Freitas (2002) e Freitas *et. al.* (2019), dentre outros.

Ferreira (2004) explicita que o termo historiografia significa a *graphia* ou a escrita da história. Seus significados recorrentes são “a arte de escrever a história” e os “estudos históricos e críticos acerca da história ou dos historiadores”. Concordamos com Ciavatta (2020, p. 08), quando argumenta: “[...] A historiografia é a análise crítica da história escrita, o amadurecimento do campo científico que pensa sobre seu próprio fazer [...]”. Em outros termos, a historiografia é um produto da história, logo tem uma historicidade.

Partindo dessas proposições, dialogar com a historiografia na obra de Umberto Eco, significa, aqui, estabelecer interlocuções entre o campo da literatura explorado pelo autor e o

da História da Educação. Naturalmente, a literatura pode oferecer para a história uma representação do estado de humanidade num dado espaço de tempo. Destarte, na obra em tela visualizamos que a leitura, a argumentação e a produção são questões essenciais em qualquer âmbito e no meio acadêmico, requer-se substancialmente a produção de textos científicos coesos, coerentes e que acima de tudo possam comunicar.

Dentro desse escopo da operacionalização, respaldamo-nos ainda na elaboração de notas de leitura que emergiram de discussões e interpretações ensejadas pela análise da referida obra durante a disciplina de Ciência e Produção do Conhecimento num curso de Doutorado em Educação num Instituto Federal de Educação do Brasil, observando-se o que podemos considerar como momentos de reflexões sistemáticas.

Para tanto, o texto encontra-se organizado em três seções. Na primeira, discutimos sobre o gênero discursivo, notas de leitura. Na segunda, fazemos um panorama da produção científica de Umberto Eco. E na terceira seção, abordamos sobre o contexto histórico do livro e as travessias da escrita: a alquimia da tese. Nas considerações, apresentamos as lições apresentadas pelo autor.

Notas de leitura: um gênero discursivo

Cavalcante ([202-?]) explica que para fazer notas de leitura é relevante que a exploração do texto original seja acompanhada de anotações, isto é, o leitor deve ir escrevendo a sua compreensão sobre o manuscrito. Porém, antes de partir para as anotações, é recomendável que se faça uma apreciação geral, observando a maneira em que o material se encontra organizado. Para Cavalcante ([202-?, p. 1]):

[...] notas de leitura nada mais são que um gênero discursivo originado do hábito de tomar notas a partir da leitura de textos. O fichamento, por exemplo, tem a mesma origem. As notas de leitura, no entanto, não apresentam a mesma estrutura do fichamento, pois representam uma leitura reflexiva em forma de texto coeso e coerente. Esses são gêneros que dependem de outros gêneros, na verdade, isto é, da leitura de outros gêneros. Como tal, podem circular em determinados espaços sociais, no caso da vida acadêmica, por exemplo, podem ser publicadas [...].

Nesta perspectiva, a autora recomenda a utilização do método SQ3R, sigla do inglês que significa: examine (examine), question (questione), read (leia), recite (recite) e review (revise). No Quadro 1, apresentamos uma sumarização da explicação de Cavalcante ([202-?]) sobre como proceder, a fim de escrever atentando para esse gênero discursivo.

Quadro 1 – Passo a passo do Método SQ3R

Orientações do método SQ3R	Sequência a ser seguida	Descrição de como proceder
Antes de ler, Examine o capítulo:	1º passo	a) o título, cabeçalhos, e subtítulos; b) textos explicativos sob as fotos, diagramas, gráficos ou mapas; c) reveja questões; d) parágrafo de abertura e conclusão do texto; e) sumário;
Formule perguntas (Question) enquanto você está examinando:	2º passo	a) Transforme o título, cabeçalhos e subtítulos em perguntas; b) Leia as questões ao final dos capítulos ou depois de cada subtópico; c) Pergunte-se, "O que eu já conheço sobre este assunto?";
Quando você começar a ler (Read):	3º passo	a) Procure por respostas para as questões que você levantou anteriormente; b) Releia as informações sob as figuras, gráficos, etc.; c) Atente para todas as palavras ou frases sublinhadas, em itálico e impressas em negrito; d) Reduza a velocidade da leitura em passagens difíceis; e) Pare e leia de novo partes que não estejam muito claras; f) Leia apenas uma seção de cada vez;
Recite depois que você tenha lido uma seção:	4º passo	a) Verbalize para si mesmo perguntas sobre o que você tiver lido e/ou sumarie, com suas próprias palavras, o que acabou de ler; b) Sublinhe/destaque pontos importantes que você tenha lido;
Revisão (Review): um processo contínuo.	5º passo	a) Primeiro dia: Assim que você tenha lido e recitado o capítulo inteiro, escreva nas margens perguntas para aqueles pontos que você tenha destacado/sublinhado;

		b) Segundo dia: Folheie as páginas de seu texto e/ou caderno; c) Terceiro, quarto e quinto dias: Altere entre suas fichas e apontamentos e teste a si próprio em questões que tenha formulado.
--	--	---

Fonte: Adaptado de Cavalcante ([202-?]).

Partindo dessas proposições, escrevemos o presente artigo a partir das notas de leitura da obra em tela. Inicialmente, examinamos o livro, tópicos e sumário. Em seguida, passamos à fase dos questionamentos desses elementos embasados na metodologia explicitada por Cavalcante ([202-?]). Na sequência, partimos propriamente à exploração da obra e, à medida que íamos lendo, fazíamos anotações nas margens do documento digital. A partir disso, iniciamos a sumarização do texto em documento *word*, a fim de consultar posteriormente, para revisar, estudar ou encontrar informações necessárias à escrita do artigo.

Feita essas considerações, na próxima seção, iremos tratar sobre a biografia de Umberto Eco e evidenciaremos um panorama da sua produção científica.

Umberto Eco: Um panorama da sua produção científica

Umberto Eco (1932-2016), foi escritor, professor e filósofo. Nasceu em Alexandria, Piemonte, Itália, no dia 5 de janeiro de 1932. Filho de Giulio Eco e Giovanna Eco, estudou Filosofia e Literatura na Universidade de Turim, onde mais tarde, tornou-se professor. Começou a carreira de filósofo com a ajuda de Luigi Pareyson. Seus primeiros trabalhos foram dedicados ao estudo da estética medieval, especialmente sobre os textos de São Tomás de Aquino.

Eco foi considerado um dos expoentes da nova narrativa italiana, iniciada por Ítalo Calvino (1923-1985). Exerceu grande influência sobre os meios intelectuais ao estudar os fenômenos de comunicação ligados à cultura de massas, como histórias em quadrinhos, telenovelas e cartazes publicitários. Doutorou-se em estética em 1961, após escrever alguns estudos sobre estética medieval. Além da docência, desenvolveu pesquisas, ministrou cursos em outros países europeus e nos Estados Unidos e lecionou na Universidade de Turim de 1956 a 1964.

Neste cenário, impõe-se como teórico com a publicação de “Obra Aberta” (1962), na qual sugere não somente uma teoria estética, mas uma história da cultura, vista através da história das poéticas. Em 1964, Eco publicou a obra “Apocalípticos e Integrados” onde analisa as duas posições possíveis ante o fenômeno da cultura de massa no mundo contemporâneo. Na obra, elaborou a tese de que os “apocalípticos” seriam aqueles que defendiam uma arte erudita contra a influência da cultura de massas, ao passo que os “integrados” defendiam a massificação de produtos culturais, como consequência positiva da democratização.

Nos anos 1970, se dedicou ao estudo da semiótica, estabelecendo novas perspectivas sobre o assunto. Em 1971, tornou-se professor da Universidade de Bolonha. Algumas obras importantes desse período, foram: “As Formas do Conteúdo” (1971), “Tratado Geral de Semiótica” (1975) e o livro “O Super-Homem de Massa” (1978).

Em 1980, publicou “O Nome da Rosa”, seu primeiro romance, que o consagrou. Ambientado em um mosteiro da Itália medieval, entre mortes obscuras e uma biblioteca que encerra segredos inomináveis, uma alusão aos muitos atentados políticos da Itália, notadamente a morte do ex-primeiro ministro Aldo Moro, em 1978. A obra, tornou-se um *best-seller* mundial e gerou uma versão cinematográfica, lançada em 1986.

Em 1989, lançou “O Pêndulo de Foucault”. A trama é um plano conspiratório, feito um pouco por diversão, que sai do controle quando os personagens passam a ser perseguidos por uma sociedade secreta, que os toma por detentores de um segredo dos Cavaleiros Templários.

Em 2010, Umberto Eco lançou “O Cemitério de Praga”. Na obra, o avô do protagonista é um antissemita que acredita que os maçons, os templários e a seita secreta dos Iluministas estiveram por trás da Revolução Francesa.

No seu mais recente trabalho, “Número Zero” (2015), o autor critica o mau jornalismo e a manipulação dos fatos. Leva seu interesse pelas teorias conspiratórias, para o ambiente da redação de um jornal de Milão, em 1992.

Dentre outras obras de Umberto Eco, podemos citar: Tratado Geral de Semiótica (1975); Pós-escrito a O Nome da Rosa (1983); Arte e Beleza Na Estética Medieval (1986); O Segundo Diário Mínimo (1992); A Ilha do Dia Anterior (1994); Em Que Creem os que Não Creem (1996); Sobre a Literatura (2002); Da Árvore ao Labirinto (2007); A Misteriosa

Chama da Rainha Loana (2009); O Cemitério de Praga (2010); Construir o Inimigo (2011); Confissões de um Jovem Romancista (2011).

O autor faleceu em Milão, Itália, no dia 19 de fevereiro de 2016. Teve dois lançamentos póstumos, um artigo clássico sobre o fascismo e uma coleção de conferências. O artigo, “O Fascismo Eterno” (2019) é um ensaio que já constava em "Cinco Escritos Morais", de 1997. E na coletânea, “Ombros do Gigante” (2019) revisa e revisita temas que lhe são caros, mas sem avançar novas proposições teóricas ou achados críticos. São doze conferências produzidas especialmente para "La Milaneseiana" um festival cultural de Milão.

Dito isso, partiremos na próxima seção, para uma análise sobre o livro “Como se faz uma Tese em Ciências Humanas”, inicialmente abordaremos o contexto em que a obra foi escrita e em seguida apontaremos notas sobre os capítulos: I. O que é uma tese e para que serve, II. A escolha do tema e III. A procura do material, IV. O plano de trabalho e a elaboração de fichas, V. A redação e VI. A redação definitiva.

Contexto histórico do livro e as travessias da escrita: a alquimia da tese

Segundo Eco (2007, p. 20), a obra foi elaborada: “[...] num contexto muito concreto e visando dar resposta à necessidade de formação de professores na Itália do pós-guerra (1943-1978). Essa obra teve o mérito de se tomar o manual dos modos de operar da investigação, sistematizando-os e clarificando-os nas suas formas fundamentais”. Vale ressaltar, que esse foi um momento de reconstrução do país e de luta em torno dos critérios e possibilidades da modernização da sociedade italiana. Essa luta implicou o estabelecimento da República e em seguida de uma nova Constituição para o país.

Desse modo, na introdução da obra, Eco (2007) declara que quando o livro fosse encaminhado para a impressão gráfica, a Reforma Universitária na Itália, estaria em discussão. Nesse panorama, havia a exigência das universidades italianas de incrementarem a própria eficiência e de melhorar os serviços prestados aos estudantes a fim de recuperar a competitividade no mercado interno europeu da formação profissional.

A reforma redesenhou a oferta formativa, prevendo uma nova articulação em três ciclos e assumiu objetivos ambiciosos como uma maior difusão de títulos universitários na população, redução na taxa de abandono, diminuição no tempo de permanência dos estudantes na universidade, aproximação ao mundo do trabalho e internacionalização dos

percursos de estudo, por meio da implantação de créditos formativos, para torná-los comparáveis aos obtidos em diferentes cursos e universidades. Neste sentido, segundo Riedo e Pereira (2007, p. 42) havia a “[...] necessidade dos estudantes receberem uma melhor orientação na universidade, desde a realização da matrícula até a elaboração da tese e a entrada no mercado de trabalho [...]”. E é nessa circunstância, que Umberto Eco escreve a obra em tela.

É oportuno lembrar que no Brasil, durante a década de 1970, instalou-se um período de crescimento da produção e dos questionamentos sobre a qualidade da pesquisa (ANDRÉ, 2006). O crescimento de programas de pós-graduação e o surgimento do curso de doutoramento em 1976 demarcaram esta fase. O país passava pela crise do milagre econômico e nesse contexto houve a tentativa de aprimoramento do ensino e da denúncia do papel conservador da Educação. Em 1971 foi criado o Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas (FCC), São Paulo, coordenado por Angelina Bernadete Gatti, reunindo grupos de pesquisadores que contribuíram qualitativamente para o desenvolvimento da pesquisa em Educação.

Desse modo, a obra de Umberto Eco emerge em uma conjuntura em que as ciências humanas foram desafiadas a encontrar respostas às grandes interrogações sobre a humanidade, sua identidade, seu lugar no universo e suas relações com a matéria e a vida, nas circunstâncias das condições sociais e culturais da época.

Passados 46 anos da obra, *Como se Faz uma Tese* de Umberto Eco podemos afirmar que o seu conteúdo continua atual e relevante para a escrita de uma tese no horizonte da emancipação humana de modo a desenvolver um olhar reflexivo e crítico sobre a pesquisa na atualidade. Para Gatti (2002, p. 9 e 10):

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. [...] Contudo, num sentido mais estrito, visando a criação de um corpo de conhecimentos sobre um certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos.

Em outras palavras, para realizar uma investigação precisamos fazer questionamentos, reflexões. Com esse fim, se faz necessário zelo, rigor e criatividade pois a pesquisa possui um sentido filosófico, sociológico, histórico e político. Neste sentido, concordamos com Freire (1987, p. 58) quando assevera: “[...] não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os

homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. [...]”. Destarte, a busca por conhecimento, torna o ato de pesquisar dialógico e é com esse chamamento que Eco (2007) discorre na obra em tela.

No capítulo I, “O que é uma tese e para que serve”, o autor explica que esse é um tipo de trabalho escrito de grandeza média, entre cem e quatrocentas páginas em que o estudante trata de um assunto a respeito da sua área de estudos. Após os exames obrigatórios, o discente apresenta a tese perante uma banca e essa emite um parecer. Nas palavras de Eco (2007, p. 28, grifo do autor):

[...] a tese propriamente dita é reservada a uma espécie de superlicenciatura, o *doutoramento*, ao qual se propõem apenas aqueles que querem aperfeiçoar-se e especializar-se como investigadores científicos. Este tipo de *doutoramento* tem vários nomes, mas indicá-lo-emos daqui em diante por uma sigla anglo-saxônica de uso quase internacional, PhD (que significa *Philosophy Doctor*. Doutor em Filosofia, mas que designa todos os tipos de doutores em matérias humanísticas, desde o sociólogo até ao professor de grego; nas matérias não humanísticas são utilizadas outras siglas, como, por exemplo, MD, *Medicine Doctor*).

Conforme as proposições de Eco (2007), a licenciatura destina-se ao exercício da profissão, já o PhD se dedica à atividade acadêmica, ou seja, à carreira universitária. Adverte sobre a possibilidade de fazer uma tese de compilação ou de investigação, de licenciatura ou de PhD. A de investigação é mais longa, já a de compilação pode, ou não ser longa. Explica que o livro é destinado para aquelas pessoas que disponibilizam algumas horas por dia ao estudo. Assim, fazer um trabalho dessa natureza é aprender a pôr ordem nas próprias ideias e a organizar dados. Eco (2007, p. 32, grifo do autor) acrescenta “[...] E deste modo *não importa tanto o tema da tese quanto a experiência de trabalho que ela comporta [...]*”. E nesse processo de escrita, há vulnerabilidade, medo, angústia e desconforto.

Essa insegurança advém da entrada do sujeito num campo privilegiado do saber científico, em que é interpelado, a por meio da sua escrita, dizer algo com cunho transformador, relevante no meio acadêmico. Por conseguinte, Eco (2007, p. 33, grifo do autor) apresenta quatro regras para a escolha do tema da tese:

- 1) *Que o lema corresponda aos interesses do candidato* (quer esteja relacionado com o tipo de exames feitos, com as suas leituras, com o seu mundo político, cultural ou religioso);
- 2) *Que as fontes a que recorre sejam acessíveis*, o que quer dizer que estejam ao alcance material do candidato;

- 3) *Que as fontes a que recorre sejam acessíveis, o que quer dizer que estejam ao alcance cultural do candidato;*
- 4) *Que o quadro metodológico da investigação esteja ao alcance da experiência do candidato.*

Logo, quem se propõe a escrever uma tese, tem a incumbência de dar conta de produzi-la com todo o rigor necessário. Nesta linha de raciocínio, Carlino (2005) adverte que a aprendizagem e o desenvolvimento da escrita no Ensino Superior são entendidos como alfabetização acadêmica. Partindo das proposições de Freitas (2002, p. 90):

[...] Desenvolver uma tese é um ato criador que, além de conhecimentos gerais e específicos, exige uma paciência que nem todos estão dispostos a exercitar. Criar alguma coisa significa ter humildade e disponibilidade psicológica para tentar, expor-se, errar, recomeçar, modificar, experimentar, observar. Também é verdade que algumas pessoas conseguem lidar mais facilmente com os diferentes estados de espírito e exigências da tarefa, pois suportam mais facilmente o não-reconhecimento, agüentam a frustração com maior perseverança, reciclam o erro mais rapidamente, toleram uma crítica com maior esportividade, aceitam refazer algo com maior humildade e menor desespero e conseguem suportar a sua própria chatices com mais paciência.

É fato que em nós mesmos existem diferentes personagens, com vozes diversas que estimulam, instigam, censuram, condenam e julgam. Com esse intuito, Freitas (2002, p. 90) pontua: “[...] Nada nasce do nada e tese tampouco! A nossa capacidade de pensar ordenadamente necessita de treino, um fio condutor e estímulos concretos, que provêm em grande parte de uma boa bibliografia [...]”. Nesse processo o pesquisador, por vezes, sente angústia, medo e ansiedade, de exigências feitas por si mesmo, pelo orientador, ou por seus pares. Há ainda o receio à críticas externas sobre o escrito. Questionamos: como formar o pesquisador nesse letramento acadêmico? É, portanto, o que discute Bessa (2017, p. 30):

É preciso, pois, fazermos aqui a defesa de um trabalho pedagógico, explícito e sistemático, que deve fazer parte de um projeto mais amplo da formação do estudante/jovem pesquisador contemplando aspectos diversos do letramento acadêmico, que pode se beneficiar dos Novos estudos do letramento e dos estudos de gêneros textuais e discursivos. É importante ter consciência de que um tal projeto não deve estar encerrado em uma disciplina específica, que o resultado não será imediato e que dificilmente se concretizará sem que o estudante tenha uma participação (mais) ativa nas práticas comunicativas do universo acadêmico-científico. O que se defende é que, além de qualquer trabalho pedagógico, por mais sério e produtivo que seja, o estudante/pesquisador precisa ser incentivado a ter participação ativa nas práticas comunicativas do universo acadêmico científico, para poder,

progressivamente, melhor conhecer as convenções que regem essas práticas e nelas se engajar [...].

A propósito disso, nos capítulos subsequentes da obra, Eco (2007) oferece um embasamento teórico para o estudante que vai fazer uma tese. No capítulo II, “A escolha do tema”, o autor explica sobre tese monográfica e panorâmica. A primeira tentação do estudante, é fazer um estudo que fala de muitas coisas e afirma que essa é uma prática perigosa. Destarte, sinaliza que quanto mais se restringe o campo de investigação, melhor se trabalha e com maior segurança. Ou seja, é mais viável uma tese monográfica, que aprofunda um tema, à uma panorâmica. Eco (2007, p. 39 e 40) diferencia tese teórica e histórica:

Uma tese teórica é uma tese que se propõe encarar um problema abstracto que pode já ter sido ou não objecto de outras reflexões; a natureza da vontade humana, o conceito de liberdade, a noção de função social, a existência de Deus, o código genético. [...]

[...]

Mas ponhamos a hipótese de o estudante estar consciente de ter compreendido um problema importante; dado que nada nasce do nada, ele terá elaborado os seus pensamentos sob a influência de outro autor qualquer. Transformou então a sua tese, de teórica em historiográfica [...]

Já no que se refere à questão de temas antigos e ou contemporâneos. Eco (2007) argumenta que depende da área em que o autor da tese está inserido e complementa que não existem regras fechadas para isso. Normalmente, assuntos relacionados à História apresentam uma vasta literatura disponível sobre o assunto e já os mais contemporâneos, podem ser mais limitados em termos de referenciais. Sobre as fontes históricas, Barros (2020, p. 4, grifo do autor) exemplifica:

[...] Uma vez que o historiador trabalha com sociedades que já desapareceram ou se transmutaram – ou, mais ainda, com processos que já se extinguíram ou que fluíram através de transformações que terminaram por atravessar os tempos até chegar ao presente produzindo novos efeitos – não existiria outro modo de perceber estas sociedades ou apreender estes processos senão a partir das chamadas “fontes históricas”, aqui entendidas como os diversos resíduos, vestígios, discursos e materiais de vários tipos que, deixados pelos seres humanos historicamente situados no passado, chegaram ao tempo presente através de caminhos diversos.

Como consequência, as fontes históricas produzidas pelos seres humanos pode proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos na atualidade. Em relação ao tempo necessário para escrever uma tese, alerta

para que não seja mais que três anos e nem menos que seis meses. Para o autor, caso o estudante não consiga escrever em três anos, é porque escolheu o objeto errado, não está estabelecendo limites na escrita, ou apresenta um bloqueio e tende a abandonar o estudo. Salienta que uma boa tese, deve ser discutida passo a passo com o orientador.

Quanto à necessidade de saber línguas estrangeiras, Eco (2007) argumenta que não se pode discutir sobre um autor estrangeiro se esse autor não for lido no seu texto original, do mesmo modo não se pode escrever a respeito de um tema, em que as obras estão escritas numa língua que não se conhece e nem se deve redigir uma tese, sobre um determinado autor, lendo apenas as obras escritas nas línguas que conhecemos. Por isso, a tese é um momento propício para começar a aprender outras línguas.

Destaca que uma pesquisa é científica, quando: debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido, de modo que seja igualmente reconhecível pelos outros; deve tratar sobre coisas que ainda não foram ditas e é recomendável que a pesquisa seja útil aos outros. O autor provoca o seguinte questionamento: será mais útil fazer uma tese de erudição, ou uma tese ligada à experiências práticas? E responde dizendo que cada um faz o que lhe agrada estudar e investigar, desde que siga as regras que esse tipo de trabalho exige.

Enquanto no capítulo III intitulado, “A procura do material”, Eco (2007, p. 71) discute sobre a acessibilidade das fontes. O objeto de estudo pode ser um livro, ou um fenômeno real. Por isso, adverte: “[...] é muito importante definir logo o verdadeiro objecto da tese, uma vez que se terá de enfrentar, logo de início, o problema da acessibilidade das fontes”. Ressalta, ainda, que as fontes devem ser sempre de primeira mão. No entanto, orienta que não se deve, cair na neurose da primeira mão. Ou seja, fontes que já foram analisadas, também são relevantes na organização de informações, servindo como consulta para estudos futuros.

No quesito fontes, Freitas *et. al.* (2019, p. 65) realçam: “Muito do que é revisado, estudado e por vezes escrito no processo de construção da pesquisa da tese pode acabar não pertencendo ao texto final da tese: a delimitação do tema passa também por saber abrir mão do que pode já ter sido inserido [...]”. Nessa direção, Valentim, Paiva Neto e Bessa (2020) enfatizam que é comum que pesquisadores com mais experiência demonstrem uma aptidão mais crítica para lidar com as fontes de pesquisa em seus trabalhos, oportunizando-lhes a utilização de critérios que resguardem a confiabilidade, a precisão e a adequação das fontes citadas.

Com esse propósito, Eco (2007) disserta sobre o cuidado com a seleção de bibliografias, com a organização de fichas de leituras e a correta referência das fontes consultadas. Na obra, apresenta alguns exemplos para citação de: livros, artigos de revistas, capítulos de livros, atas de congressos e ensaios em obras coletivas. Defende que é importante combinar com o orientador, o referencial que irá ser utilizado.

Ainda sobre as fontes, Freitas *e. al.* (2019), recomendam que: deve-se iniciar com a leitura de textos essenciais e procurar mostrar ou evocar os modelos existentes; é primordial haver uma seção sobre o marco teórico, ou estado da arte da questão, sobre a qual se pretende investigar; é conveniente ter referências externas do problema, no momento em que se procura elaborar a motivação e a justificativa da pesquisa; é necessário distinguir partes fortes e partes menos consistentes; observar a proporção de cada seção no documento de tese, usando o bom senso; evocar sempre os autores clássicos nos temas centrais, bem como os autores mais atuais.

No capítulo IV, “O plano de trabalho e a elaboração de fichas”, Eco (2007, p. 125, grifo do autor) declara a importância da construção do índice como hipótese do trabalho. À vista disso, revela a necessidade de redigi-lo como ponto de partida e tarefa essencial à estruturação do estudo empreendido:

Uma das primeiras coisas a fazer para *começar* a trabalhar numa tese é escrever o título, a introdução e o índice final — ou seja, exactamente as coisas que qualquer autor fará *no fim*. Este conselho parece paradoxal: começar pelo fim? Mas quem disse que o índice vinha no fim? Em certos livros vem no princípio, de modo que o leitor possa fazer logo uma idéia daquilo que irá encontrar na leitura. Por outras palavras, redigir logo o índice como hipótese de trabalho serve para definir imediatamente o âmbito da tese.

Nessa tessitura, busca-se a princípio, a definição do título a partir da formulação de uma pergunta e, logo em seguida, a construção do índice para a elaboração da introdução do trabalho, sendo este último, a construção analítica do índice com base no que se pretende fazer e a estruturação das ideias. Porém, ressalta que essa construção é provisória, visto os movimentos que a produção ganha aos passos das leituras, estudos e orientações.

Quanto a elaboração da pergunta, Freitas (2002, p. 91, grifo da autora) alude: “Uma tese é mais que uma boa idéia, é, na essência, uma boa pergunta. E não existe tese na cabeça. ‘Eu já tenho tudo aqui organizadinho’ significa que falta tudo, pois não é a idéia que será avaliada, mas a nossa capacidade de explicitá-la, analisá-la, construí-la, destruí-la [...]”. No

que concerne ao ato de planejar a escrita, Silva e Guimarães (2021) expõem que essa é uma das capacidades cognitivas que pode ser desenvolvida nos seres humanos, considerando que as pessoas não nascem munidas dessa habilidade. Porém, podem aprender a exercitar tal ofício por meio de experiências diversas.

Por esse ângulo, torna-se possível uma melhor estruturação a partir da construção do índice/sumário, para o esboço de um resumo aos capítulos da tese. Nessa conjuntura, Eco (2007) destaca que o índice deve estar articulado em forma de capítulos, parágrafos e subparágrafos. E que esta divisão será feita conforme as especificidades de cada estudo. Nesse intento, faz-se indispensável a elaboração criteriosa de fichas e apontamentos, de modo a facilitar a construção do pesquisador, destacando que o seu número dependerá da natureza da tese.

Diante disso, pode-se utilizar diversas estratégias de destaque no texto, das quais sobressaem-se: os tipos sublinhados, que personalizam o livro; os que utiliza-se de cores, feltros de ponta fina; os que devem associar-se as cores a siglas; ainda os que não se deve sublinhar. Nas palavras de Eco (2007, p. 142) “[...] Quando o livro não é nosso, evidentemente, ou se se trata de uma edição rara de grande valor comercial, que quaisquer sublinhados ou anotações desvalorizariam [...]”. Enfatiza que as fichas de leitura, nos auxiliam para o registro de todas as referências bibliográficas relativas à um livro ou à um artigo, de modo que também podemos transcrever algumas citações-chave e construir apreciações em torno destas.

Nessa construção, Umberto Eco aconselha a humildade científica diante dos métodos de pesquisa e leitura, a fim de acolher as ideias importantes que possam vir de outros autores sobre o tema, além dos que já são conhecidos como referências em sua área de pesquisa. Ante o exposto, indaga: à quem dirigimos à tese? Embora a princípio, o principal leitor do texto seja o orientador, a pesquisa ganhará outros espaços, difundindo-se por toda a humanidade.

Nesta acepção, no capítulo V, “A redação”, o autor realça que os rascunhos são essenciais para a construção dos esboços dos primeiros capítulos, acompanhados pela apreciação do orientador. Consequentemente, Eco (2007, p. 166, grifo do autor) nos deixa um recado, ao afirmar, “*Não se obstinem em começar no primeiro capítulo [...]*”. E diz que essa redação é um ato de coragem porque “[...] Ninguém deve saber melhor que vocês tudo aquilo que foi dito sobre esse assunto” (2007, p. 199). Em concordância, Rossoni (2022) sublinha que planejar o momento da escrita não é suficiente, pois quando se tem uma tela em branco

no *Word*, cujas ideias ainda estejam desconectadas, o melhor a se fazer é escrever, escrever e escrever. Em síntese, aconselha o hábito de fazer rascunhos e, especialmente, rabiscos.

Nesse quesito, erguemos as contribuições de Freitas *et. al.* (2019) que avultam alguns elementos relevantes durante a redação, tais como: escolher um ambiente tranquilo para escrever; fazer intervalos de descanso durante a produção textual; ir polindo a redação aos poucos, aprimorando; organizar os arquivos por capítulos no computador; salvar o material produzido de maneira segura; elaborar tabelas ou diagramas de reflexões; ao tentar explorar os dados, inicialmente, de forma simples, ler e percorrer os dados, e não ir diretamente aos dados via uso de software; evitar palavras que impliquem opiniões ou juízos de valor sem base nos dados coletados; seguir algum formato de estilo para as citações e as referências bibliográficas; incluir no texto da tese, uma seção sobre limites da pesquisa e temas para futuras investigações.

Outrossim, Eco (2007) apresenta a importância dos termos técnicos enquanto categorias-chave do discurso, uma vez que a escrita se revela enquanto prática social e acentua que devemos evitar os períodos longos nas construções dos parágrafos, desviando-se da repetição de sujeitos e eliminando o excesso de pronomes e orações subordinadas. Ainda nesse capítulo, evidencia o cuidado com as citações diretas e indiretas, bem como com as paráfrases, nos textos transcritos sem aspas, a fim de evitar plágios.

Por fim, no capítulo VI, “A redação definitiva”, o autor finaliza, reforçando a importância da redação final para a conclusão do manuscrito. Portanto, destaca a necessidade da normatização do trabalho quanto aos títulos (espaçamentos entre títulos e subtítulos); a construção dos parágrafos e capítulos (os espaços entre estes e a subdivisão), assim como também as margens das folhas e as pontuações; acentos; abreviaturas, além do uso das aspas e de outros sinais gráficos. Sobre esses conselhos, Eco (2007, p. 221) questiona:

Páginas: estão numeradas por ordem?
Referências internas: correspondem ao capítulo ou à página certos?
Citações: estão sempre entre aspas, no princípio e no fim? Todas as citações têm a sua referência?
Notas: a chamada corresponde ao número da nota? [...]
Bibliografia: está organizado por ordem alfabética? [...]

Destarte, o autor sugere que se releia todo o trabalho, com o intuito de verificar esses últimos ajustes. Por consequência, a tese deve ter uma bibliografia final, a fim de facilitar a

localização do texto e tornar reconhecível as obras referenciadas. Nessa construção, dependendo da natureza do trabalho, pode-se também conter os apêndices ao final da produção.

Freitas *et. al.* (2019) também contribuem sobre esse aspecto ao oferecerem algumas recomendações nessa fase de redação conclusiva, tais como: checar a consistência entre objetivos e resultados; cada seção ou capítulo na tese, deve ter claramente um início, um meio e um fim; procurar mostrar o documento a alguma outra pessoa, a qual possa dar uma opinião desprendida do processo em si; tentar montar a apresentação ou defesa, ela talvez mostre uma lacuna ainda, ou algo que possa ser melhor ilustrado; realizar uma leitura final, após um ou dois dias de distanciamento do documento antes da defesa.

De igual modo, as ideias de Ferreira (2013) coadunam com as discutidas por Eco (2007) e Freitas *et. al.* (2019), ao alertar para os erros que se deve evitar ao concluir a redação, designadamente: restringir-se à análise dos resultados, sem expandir para explicar efetivamente o que os resultados significam; não incluir questões para pesquisa futura, ser prolixo quanto aos resultados ou à questão de pesquisa; e enaltecer de maneira exagerada a contribuição ou impacto do manuscrito.

No capítulo VII, “Conclusões”, Eco (2007, p. 233) sublinha “[...] fazer uma tese significa recrear-se e a tese é como o porco: não deita nada fora [...]”, uma vez que revela-se como um jogo desafiador de apostas ou de caça ao tesouro. O fio condutor, se dá por meio da formulação de uma pergunta à um número finito de movimentos. Sendo assim, o pesquisador deve-se encantar-se pelo que escreve, de modo que a sua construção primária possa ramificar as fontes secundárias para as novas produções posteriores, à exemplo de artigos, livros, dentre outros. Outrossim, como analisa Freitas (2002, p. 93):

Toda tese tem uma história, que tem páginas engraçadas, alegres, divertidas e outras que são difíceis, pesadas, tristes. Aprendemos com todas elas e não são lições de consumo imediato, pelo contrário serão incorporadas na nossa vida. No limite, nós somos o maior objeto da tese, pois enquanto sujeito dela vivemos um embate de forças internas e externas que nos ensina muito sobre nós mesmos.

À propósito disso, Lopes (2012) afirma que escrever é um processo que dá trabalho e leva tempo, especialmente, se quem escreve, não tem prática e não sabe como lidar com essa atividade de maneira mais apropriada. Por tudo isso, fica posto, que escrever é uma habilidade e, portanto, pode ser aprendida, exercitada, treinada e aprimorada. Destarte, escrever é uma

operação desafiadora e árdua para a qual dificilmente o pesquisador terá a seu dispor as condições ideais, por isso, lançar-se a escrever é trabalho melindroso, mas não impossível.

Algumas considerações: lições de Umberto Eco ontem e hoje

As notas de leituras apresentadas neste artigo, evidenciam a especificidade da produção científica para a construção de uma tese na área das Ciências Humanas e suas aproximações epistemológicas. Desse modo, o objetivo desse artigo foi analisar o livro, a fim de apresentarmos as lições explicitadas pelo autor, no que se refere à construção da tese na área de Ciências Humanas.

Nesse sentido, o autor nos apresenta a tessitura de um texto didático para a compreensão da construção de uma tese, desde o limiar em torno da escolha do tema para a organização do tempo do trabalho, bem como a definição da construção bibliográfica, no tocante à organização da escrita e, por fim, as matizes da redação do trabalho empreendido.

Diante disso, destaca a relevância da construção sólida para as produções posteriores, a partir das noções sobre os métodos e técnicas para a elaboração de um texto científico e, com isso, a possibilidade do seguimento, por parte do pesquisador, nos saberes acadêmicos, por meio de publicação dos conhecimentos desenvolvidos.

Pode-se, contudo arrematar, algumas lições apresentadas por Eco (2007), a saber:

- a) No capítulo I “O que é uma tese e para que serve”, ensina como se deve fazer uma tese, e de que modo serve para depois da licenciatura;
- b) No capítulo II “A escolha do tema”, diferencia tese monográfica e panorâmica, científica ou política, histórica e teórica, temas antigos ou contemporâneos, aborda ainda sobre o tempo necessário para se fazer uma tese, se precisa saber línguas estrangeiras e como manter uma boa relação com o orientador;
- c) No capítulo III “A procura do material”, explica sobre a acessibilidade das fontes e a investigação bibliográfica;
- d) No capítulo IV “O plano de trabalho e a elaboração de fichas”, adverte no que se refere ao índice, fichas e apontamentos;
- e) No capítulo V “A redação”, expõe a quem nos dirigimos quando escrevemos a tese, como se fala, sobre as citações e notas de rodapé;
- f) No capítulo VI “A redação definitiva”, instrui no tocante à processos gráficos, a bibliografia final, os apêndices e o índice.

g) No capítulo VII, “Conclusões”, expressa que fazer uma tese é recrear-se, ao passo que ao seguir esses movimentos, o pesquisador deve encantar-se com a escrita empreendida.

Ao considerar o arcabouço histórico em que o livro foi escrito, a saber, o cenário acadêmico da década de 1970 na Itália, é uma obra de referência para os estudantes de pós-graduação. No Brasil, a economia crescia, influenciada pela propaganda da Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Havia a tentativa de passar a mensagem de que o país era perfeito, que estava se desenvolvendo e progredindo e para isso era necessário formar as pessoas para contribuírem com o avanço e neste sentido, a educação passa a ser compreendida como redentora. Nesse contexto, o livro de Umberto Eco, vem a calhar num momento em que a institucionalização da pesquisa se estabelece como elemento indissociável da pós-graduação, em que a universidade é compreendida como ambiente privilegiado para a produção de conhecimento, enfatizando-se o seu papel no desenvolvimento nacional.

Destacamos, ainda, que em 2023, a obra está completando 46 anos de sua publicação. O seu conteúdo continua atual e de grande utilidade a todos os estudantes de (graduação, mestrado ou doutorado) especialmente por focar a pesquisa no ambiente acadêmico. Deprendemos que a lição mais evidente apontada por Umberto Eco, é a de que o pesquisador deve se encantar pela tese, de modo que a sua construção primária possa se ramificar em fontes secundárias para novas produções posteriores, a exemplo de artigos e livros.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. A jovem pesquisa em educação no Brasil. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 11-24, set./dez. 2006.

BARROS, José D’Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020.

BESSA, José Cezinaldo Rocha. Sobre condições de autoria e de produção científica do jovem pesquisador. **Raído**, Dourados, MS, v. 12, n. 27, p. 23-41, jan./jun. 2017 - ISSN 1984-4018.

CARLINO, Paula. Alfabetización académica: un cambio necesario, algunas alternativas posibles. **Educere**, v. 6, n. 20, p. 409 - 420, ene./mar. 2005.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira. **Sobre notas de leitura**. [Natal], [202-?]. No prelo.

CIAVATTA, Maria. História e historiografia em trabalho: Educação e o pensamento crítico. **Revista Trabalho Necessário**. – Rio de Janeiro, RJ, Brasil: 18 (35): 2020, p. 6-19. Disponível em: Acesso em 11 de mar. de 2023.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. Tradução de Ana Falcão e Luís Leitão. 13. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

EDITORA, Umberto Eco: Vida, obra e contribuições. Editora Albatroz, 15 abr. 2016. Disponível em: <https://editoraalbatroz.com.br/umberto-eco-vida-obra-e-contribuicoes/>. Acesso em 7 de jul. de 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**, Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FERREIRA, Manuel Aníbal Silva Portugal Vasconcelos. A Pesquisa e a Estruturação do Artigo Acadêmico em Administração. **Revista Ibero-Americana de Estratégia - RIAE**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 01-11, abr./jun., 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Henrique Mello Rodrigues de; PESCE, Gabriela; MARCOLIN, Carla Bonato; BEHR, Ariel; MARTENS, Cristina Dai Prá. Processo de construção de uma tese de doutorado na área de administração: produzindo sentido a partir de interação orientador-orientando. **ConTexto**, Porto Alegre, v. 19, n. 43, p. 58-73, set./dez., 2019.

FREITAS, Maria Ester de. Viver a tese é preciso! Reflexões sobre as aventuras e desventuras da vida acadêmica. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 88-93, jan./mar., 2002.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. São Paulo: Rocco, 2008.

LOPES, Ana Paula B. **Escrita eficiente sem plágio**. [S.l.]: Construindo um Aprendizado, 2012. Disponível em <https://construindoumaprendizado.files.wordpress.com>. Acesso em 27 de jul. 2022.

PEREIRA, Marcos Villela. A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 52, p. 213-228, jan./mar., 2013.

RIEDO, Cássio Ricardo Fares; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. O processo de Bolonha e suas consequências na Itália. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. esp., p. 29-49, dez., 2007.

ROSSONI, Luciano. Editorial: Escrita acadêmica é mais do que um passo de cada vez, tem que esvaziar a cabeça. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa –RECADM**, Curitiba-PR, Brasil, v.21 n.2 p.201-212 Maio/Ago., 2022.

DOI: <https://doi.org/10.21529/RECADM.2022ed2>.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Thalita Folmann da; GUIMARÃES, Sandra Regina Kirchner. O planejamento no processo de produção do texto de opinião e o aprimoramento da escrita: reflexões a partir de um programa de intervenção. **Cadernos De Pesquisa**, 28 (4), p. 41 –436. 2021. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v28n4.202172>.

VALENTIM, Danielyson Yure de Queiroz; PAIVA NETO, José Evaristo de; BESSA, José Cezinaldo Rocha. Uso de fontes de pesquisa na escrita de artigos científicos de pesquisadores experientes. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 2, e1833, p. 1-18, maio/ago. 2020. DOI: 10.22168/2237-6321- 21833.

Recebido em: setembro/2022.

Aprovado em: fevereiro/2023.